ALÉM DO REAL: PONTOS DE AFINIDADE ENTRE PSICANÁLISE E ARTE SURREALISTA

Ana Julia Martins Gemignani, Natália Cannizza Torres, Lívia Gonsalves Toledo, Lauro Take Tomo Veloso

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, ana.mgemignani@gmail.com, ncannizza@gmail.com, liviagt@univap.br, lauro.taketomo@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca investigar a relação entre a arte surrealista, através do mais expoente pintor, Salvador Dalí, e a psicanálise. Neste sentido, tem-se como objetivos investigar a leitura que a psicanálise faz da arte surrealista, mais especificamente do pintor Salvador Dalí e relacionar o método utilizado por Dalí para realizar sua pintura, o método paranoico-crítico, com a conceituação de Lacan acerca dos três registros da dimensão humana Real-Simbólico-Imaginário. Para atingir estes objetivos foi realizada uma revisão de literatura exploratória, bibliográfica e narrativa. Como resultados, concluímos com o auxílio do conceito freudiano de *das Ding*, que as obras de arte, ainda que busquem representar objetos, não o fazem por completo, pois permitem que se extraia um novo sentido, algo inédito, ainda que irrepresentável.

Palavras-chave: Psicanálise; Surrealismo; Arte; Freud; Lacan.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Desde muito novo, Salvador Dalí, catalão de família simples, apreciava as artes plásticas, tendo enunciado aos dezesseis anos “serei um gênio”, demonstrando confiar em suas aptidões para a arte (Yamasaki, 2007). Seu primeiro contato com o movimento surrealista acontece em 1927, durante uma viagem à Paris, na qual conheceu grandes nomes como Luis Buñuel (1900-1983) e Gala Éluard (1894-1982), que futuramente torna-se sua esposa e musa inspiradora, fundamental para elaboração de seu método de produção, conhecido como método paranoico-crítico. O automatismo psíquico, técnica empregada pelos surrealistas, permite que o pensamento flua livremente, capturando o seu funcionamento genuíno e espontâneo, sem a preocupação com normas estéticas e/ou éticas, fora baseado no pensamento de Sigmund Freud (1856-1939) acerca da associação livre, embasou as técnicas iniciais utilizadas pelo pintor catalão ao ingressar no movimento surrealista.

Salvador Dalí destacou-se como um dos mais proeminentes expoentes dessa corrente artística e que apresenta um grande paralelo com conceitos psicanalíticos. Assim, esse trabalho propõe-se em investigar a relação entre a arte surrealista e a psicanálise, através de seu mais expoente pintor, Salvador Dalí. Como objetivo, os recursos que a psicanálise oferece acerca da investigação psicológica, como os conceitos de *das Ding*, de Freud, e Real-Simbólico-Imaginário, propostos por Lacan, serão explorados para traçar um paralelo com a proposta artística de Salvador Dalí.

A motivação para esta pesquisa originou-se do interesse em compreender como conceitos fundamentais da psicanálise podem ser observados na expressão de artistas, favorecendo possíveis manejos de cuidado da saúde mental com a utilização da arte, seja no âmbito teórico quanto prático. Pode-se notar como existem diversos conceitos psicanalíticos utilizados pelos surrealistas que compõem a relação entre terapia e arte, mas nem todos foram explorados ainda. Por essa razão, o trabalho visa ser mais uma contribuição ao tema, que é tão vasto e com tantas possibilidades de se pensar a sociedade. Trata-se de conhecimentos que extrapolam a esfera conceitual e que podem ser úteis para artistas e psicólogos. Dessa forma, busca-se contribuir com a produção acadêmica psicanalítica em sua interpretação da arte e como a arte surrealista pode contribuir para a saúde mental.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura narrativa. A Revisão Narrativa não adota critérios específicos e sistemáticos para a busca e avaliação crítica da literatura, assim, a pesquisa dos estudos não precisa abranger todas as fontes disponíveis. Não utiliza métodos de busca avançados e detalhados e a escolha dos estudos e a interpretação das informações podem ser influenciadas pela subjetividade dos autores (Universidade de São Paulo, 2019). Esse modelo faz com que a pesquisa também apresente um desenho exploratório, que consiste em uma pesquisa inicial que visa compreender um fenômeno antes de um estudo principal. Auxilia na definição do problema de pesquisa, formulação de hipóteses, escolha das melhores técnicas de investigação e identificação de possíveis desafios (Theodorson; Theodorson, 1970).

Resultados e Discussão

Do ponto de vista do pai da psicanálise e, portanto, antes que o movimento surrealista surgisse, Freud (1913, p. 189) entende que a arte é feita para "apaziguar os desejos não gratificados dos artistas e de seus espectadores", e a motivação dos artistas para a criação artística são semelhantes a dos neuróticos, que impulsionam a sociedade a construir suas instituições, ou seja, a arte se encontraria na fronteira entre uma realidade que frustra os desejos e a fantasia do artista nos quais seus desejos são realizados. Assim, o objetivo do artista é libertar-se de seus sofrimentos, mas o resultado desta intenção só se tornaria obra de arte quando suas características ofensivas e extremamente pessoais são atenuadas e adquirem um senso de beleza que as torna prazerosa aos espectadores. Essas características ofensivas são tal para o Eu porque são impulsos vindos do Isso que são inaceitáveis para a imagem de si que o Eu quer ter, por isso a repressão entende como ofensivo. É propriamente a formação da neurose (Estelles, 2014).

A psicanálise se debruça à obra de arte no que ela expressa de reação às impressões da infância do artista. As formações do inconsciente trabalhadas por Freud, tais como os sonhos, os atos falhos, os chistes, os lapsos e os sintomas (Freud, 1915/1992b) demonstram o quanto o sujeito é determinado pelos mecanismos psíquicos. Por meio da sublimação[1], o artista transforma a realidade com o objetivo de alcançar aquilo que lhe foi negado: seus desejos. O desejo é formado a partir da primeira experiência de satisfação experienciada pelo bebê, a partir de uma necessidade pulsional. Essa primeira experiência é entendida pelo bebê como uma experiência de completude, mas que a partir de então nunca consegue ser realizada novamente. De algum modo, tanto o artista, ao criar uma obra, quanto o espectador ao apreciá-la, simbolicamente realizam seus desejos reprimidos. Ao manipular a realidade, cria-se uma outra cena (Gomes; Prudente, 2020).

O surrealismo surge trazendo novas leituras da relação entre a psicanálise e as artes. O sentimento de estranheza gerado pelas obras de Dalí, demarcam sua entrada no período surrealista, afinal, pintava sonhos e, nessas representações, as imagens muitas vezes mostravam um objeto, mas que se olhado de um outro ângulo ou em uma outra escala, visualizava-se outro. Assim como nos sonhos, tem-se a "estranha sensação de que se fundem e trocam de lugar, nosso gato pode ser ao mesmo tempo nossa tia, e o nosso jardim ser a África" (Gombrich, 2011, p. 592).

O pintor espanhol se filiou ao movimento surrealista na França da primeira metade do século XX, o qual se propunha a promover uma arte literária e plástica livre da racionalidade e inspirada nas descobertas de Freud, pai da psicanálise, acerca do inconsciente. Após uma série de discordâncias com o grupo dos surrealistas, Dalí é expulso do grupo em 1934 e cria seu próprio método artístico chamado paranoico-crítico. Esse método tinha o objetivo de melhor conhecer a realidade psíquica quando expressa na pintura e pode ser entendido como uma vontade paranoica de sistematizar o fluxo de pensamentos que surgem à mente sem necessariamente uma lógica. Esta "sistematização paranoica" teria como objetivo desacreditar a realidade (Dalí, 1930 *apud* Quinet, 2006, p. 109). Ao construir o método paranoico-crítico, demonstrou que um artista poderia obter resultados espetaculares através da simulação controlada e lúcida de um transtorno mental, visto que, a paranoia é compreendida como um "delírio de interpretação com estrutura raciocinadora" (Alexandrian, 1976, p. 107). Esse delírio, se dominado pelo pintor, permite descobrir "o duplo significado das coisas" (Idem,

1 "Um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados" (Roudinesco; Plon, 1998, p. 734).

p. 107). Dalí afirmava que, por meio do processo espontâneo de conhecimento irracional, fundamentado na associação interpretativo-crítica dos fenômenos delirantes, o pintor pode agir sob a influência de uma desordem psíquica, mantendo-se acertadamente consciente. A pintura não tem mais que se preocupar em se tornar inesquecível, ao que define "pintura = fotografia à mão e a cores da irracionalidade concreta e do mundo imaginativo em geral" (Dalí, 1948 apud Alexandrian, 1976, p. 107).

Diante do exposto, é possível apresentar a abordagem lacaniana desse contexto. Como indica Roudinesco (2008 *apud* Santos, 2010), Lacan se aproximou de Freud através dos surrealistas, e não da literatura médica como se poderia supor, porque os surrealistas trouxeram à tona aos franceses a importância da psicanálise homenageando as pacientes atendidas na Salpetrière[2]. Como escreveu Breton (1896-1966)[3] (1924/1985, p. 54):

> Tão ocupado estava eu com Freud nessa época, e familiarizado com os seus métodos de exame que eu tivera alguma ocasião de praticar em doentes durante a guerra, que decidi obter de mim o que se procura obter deles, a saber, um monólogo de fluência tão rápida quanto possível sobre o qual o espírito crítico do sujeito não emita nenhum julgamento, que não seja, portanto, embaraçado com nenhuma reticência, e que seja tão exatamente possível o *pensamento falado*.

Como os símbolos artísticos são capazes de gerar emoções, a arte se encontraria no caminho do meio entre uma realidade que frustra e a realização dos desejos na imaginação. Lacan, no seminário *A ética da psicanálise* (1959-60/1997), sobre arte e sublimação, afirma que:

> Toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno do vazio. Não creio que seja uma fórmula vã, malgrado sua generalidade, para orientar aqueles que se interessam pela elucidação dos problemas da arte, e penso dispor de meios para ilustrá-lo de maneira múltipla e muito sensível (Lacan, 1959-60/1997, p.162).

Lacan entende que a verdadeira obra de arte causa nos espectadores algo que é enigmático e inassimilável. Este algo que é vazio, enigmático tem uma relação com os prazeres parciais descritos por Freud porque estão ligados à pulsão. Isso que os espectadores encontram na obra de arte seria o *das ding*, porque é inexplicável (Lucero; Vorcaro, 2013).

Significados e significantes[4] são a raiz da linguagem, objeto de estudo primordial para Lacan, em que define, a partir das leituras de Freud acerca do inconsciente, que este - o inconsciente - é estruturado como uma linguagem (Chaves, 2018). A inscrição desses significantes na estrutura psíquica, a partir da linguagem, organizam-se em torno do enlaçamento:

> [...] topológico de real, simbólico, imaginário, RSI, amarrando o que é do registro do Imaginário (linguagem de imagens, e de fantasias, e de gestos), o que é do registro do Simbólico (linguagem da fala e das palavras), e o registro do Real, o que escapa à representação simbólica de qualquer tipo de linguagem e fica marcado como impossível de dizer (Chaves, 2018, p. 60).

---

2 A origem do "Salpètrière" remonta ao século XVII, quando, em 1656, o rei Louis XIV mandou construir um hospital para confinar mendigos e mulheres loucas. O local escolhido foi uma fábrica de pólvora para munição, salitre (salpêtre), daí vem o nome Salpêtrière. De 1882 a 1892, Charcot iniciou um trabalho sobre hipnose e histeria, que inspirou tanto Pierre Janet em seus estudos de psicopatologia quanto Sigmund Freud, no que diz respeito à invenção da psicanálise e o estudo com pacientes histéricas (Arruda, 2022).

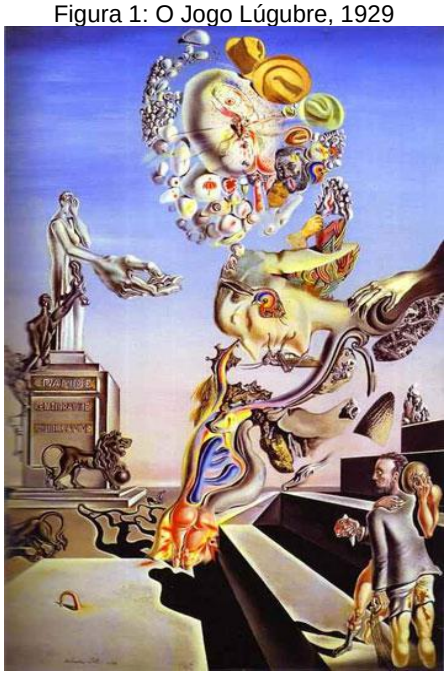
3 Fundador do surrealismo, movimento artístico que propunha a produção de material escrito e pintado, muito influenciado pelo seu entendimento da teoria freudiana de que vários atos dos seres humanos são automáticos e independentes da razão.

4 Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica (Roudinesco; Plon, 1998, p. 708).

O Real é a presença de uma ausência, aquilo que fica querendo voltar. E precisa do Imaginário para fazer corpo e forma à sua existência. O Real é algo que aparece como surpresa. Como o conto de um sonho no qual há elementos que surpreendem. Mas quando estes elementos chegam à consciência e se moldam a um encadeamento carregado de sentido, a surpresa se esvai, eis que o Imaginário toma conta e o Real escapa. O Simbólico aparece como uma marca que também gera surpresa, mas que não apresenta sentido pronto, algo que singulariza o sujeito.

De forma a ilustrar o exposto, a obra “O jogo Lúgubre” de Salvador Dalí foi escolhida, fazendo emergir conteúdos que ora carregam significados uns, ora carregam significados outros. Assim, o que foi visto primordialmente, pode não mais aparecer e, ainda, olhando com mais atenção, novas cenas surgem. Trata-se, portanto, do enlace RSI (Real-Simbólico-Imaginário), particular ao espectador que, ao interagir com a arte surrealista atribui significantes próprios, experiencia o choque, e se vê frente a frente com o estranho que deveria ter permanecido oculto.

Figura 1: O Jogo Lúgubre, 1929



Fonte: Dorigo, 2021

Na concepção lacaniana acerca da finalidade da arte, não se trata de representações de objetos, visto que *das Ding* para Freud, é irrepresentável. Assim, se a expressão artística imita os objetos, é para que se extraia um novo sentido, inédito, ainda que irrepresentável. Na sublimação, a manifestação de um objeto que escapa à cadeia significante evidencia a falta de *das Ding*, demonstrando que o Real é inatingível pelos recursos simbólicos à disposição do sujeito. O objeto artístico preserva um vazio que resiste à simbolização, e encontrar-se com esse objeto é o que Freud descreveu como o efeito do estranho. Esse movimento incita significantes, convocando o sujeito à enunciação. Ou seja, a perspectiva lacaniana entende a sublimação como o *das Ding* sendo exposto através de um objeto, mesmo este objeto sendo incapaz de propriamente representar o *das Ding*. Essa característica é “o que confere a muitas obras de arte seu caráter de eternidade por nunca se poder dizer tudo sobre ela, por sempre haver um ponto inabordável. A obra está sempre aberta a interpretações; ela é inesgotável” (Lucero; Vorcaro, 2013, p. 38).

A partir do exposto, pode-se apontar que os símbolos artísticos conseguem despertar emoções, tanto para o sujeito que pinta como para o espectador, dessa forma, a arte se encontra no ponto de convergência entre uma realidade frustrante e a realização dos desejos através da imaginação.

O método paranoico-crítico de Dalí propunha-se distanciar da ideia de automatismo de Breton e também dos sonhos de Freud, pois para o pintor espanhol, os métodos dos seus antecessores seriam abordados de forma passiva, enquanto o seu seria ativo. Outra divergência, seria que o seu método propunha um fortalecimento da instância chamada por Freud de Eu, ou seja, da consciência, e não do inconsciente. Dalí buscava encontrar também o irracional, assim como Freud, através da associação

livre, porém esse irracional seria alcançado de maneira consciente. Como aponta Santos (2017) "...para Dalí a força criativa está na imagem, não no significante. Por exemplo, a imagem de um cavalo pode representar uma mulher ou um leão". Dessa forma, Dalí utilizou da instância que Lacan chamou de Imaginário e Simbólico para realizar sua pintura, pois traçou relações, utilizou de um objeto como representação e também com este mesmo objeto procurou dar significados que são interpretados uns em relação aos outros. Mas como o Real é irrepresentável e inatingível pelos recursos simbólicos, pode-se entender que Dalí sublimava essa instância através da sua obra, visto que, causava uma impressão em seus espectadores que nem sempre poderia ser posta em palavras.

Conclusão

Assim, Lacan, no seminário *A ética da psicanálise* (1959-60/1997), sobre arte e sublimação, afirma que toda arte se distingue por um modo específico de estruturação em torno do vazio. Apesar de sua generalidade, não há a crença de que seja uma fórmula inútil para guiar aqueles que se dedicam à compreensão dos desafios da arte, mas sobre ter recursos para demonstrar esses desafios de forma variada e bastante perceptível. Para o autor, em contraste com outras formas de sublimação que organizam os elementos do discurso de formas distintas, a arte se destaca por criar construções que têm como característica comum a preservação e a sinalização do vazio que as fundamenta. Em outras palavras, a expressão artística se distingue ao estabelecer e validar a ficção em sua relação com o Real. Dessa forma, o *das Ding* é envolto pela arte, uma forma de recriar a posição focada no objeto, ou seja, "a arte expõe o vazio a partir de outro objeto que é colocado nesse lugar" (Lucero; Vorcaro, 2013, p. 28). Tal acontecimento pode ser entendido como processo de sublimação.

Com isso, no surrealismo, a arte e a imaginação são usadas para libertar o sujeito, com o choque servindo para questionar e transformar sua práxis em um ato revolucionário. Assim como na psicanálise lacaniana, o ato é visto como revolucionário, desafiando a conformidade e buscando liberdade e autonomia. O que buscou Salvador Dalí, através de seu método paranoico-crítico ao sistematizar a confusão e, ao mesmo tempo, desacreditar completamente o mundo da realidade, com a crença em que uma "super-realidade" lhe era exposta, podendo descarregar suas angústias em suas pinturas. Angústias essas, entendidas no campo do Real, representadas através da tentativa de uma união entre o Imaginário e o Real.

Referências

ALEXANDRIAN, S. **O Surrealismo**. Tradução de Adelaide Penha. São Paulo: Verbo Ed., 1976.

ARRUDA, A. M. **Hospital Pitié-Salpêtrière de Paris**. [Documento digital não paginado]. Jornal do médico, 2022. Disponível em: <https://jornaldomedico.com.br/2022/09/hospital-pitie-salpetriere-de-paris/>. Acesso em: 15 ago 2024.

BRETON, A. (1924/1930). **Manifestos do Surrealismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CHAVES, M. E. Estruturas clínicas em psicanálise: um recorte. **Reverso**, v. 40, n. 76, p. 55-62, dez. 2018.

DORIGO, A. O Jogo Lúgubre, Salvador Dalí, 1929. *In*: **André Dorigo História da arte**. Disponível em: <https://andredorigo.com.br/salvador-dali/jogolugubre_salvadordali_1929/>. Acesso em: 16 ago 2024.

ESTELLES, A. A. **Arte em Freud: início de uma coleção. 2014**. Monografia de Especialização (Especialização em Teoria Psicanalítica) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1913). **Direção geral da tradução: Jayme Salomão**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Lo inconsciente. *In:* **Obras completas de Sigmund Freud**. 1915, Vol. 24, pp. 161-214, Buenos Aires: Amorrortu, 1992b.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. 13ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMES, J. A.; PRUDENTE, R. C. A. C. Psicanálise e Surrealismo: uma leitura das obras de Salvador Dalí como triunfo do Real. **Cad. psi.**, v. 2, n. 4, p. 231-256, 2020.

QUINET, A. **Psicose e Laço Social. Esquizofrenia, Paranoia e Melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LACAN, J. ***O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*** (1959-1960). **Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LUCERO, A; VORCARO, A. Do vazio ao objeto: *das Ding* e a sublimação em Jacques Lacan. **Ágora**, v. 16, número especial, p. 25-39, abr. 2013.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, V. M. G. M. **O efeito do estranho na obra de Salvador Dalí. 2010. 116 f**. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, L. G. Surrealismo e psicanálise: o inconsciente e a paranoia. **Artefilosofia**. n. 23, p. 178-191, 2017.

THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology.** London: Methuen, 1970.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. *In*: **Biblioteca**. São Paulo: USP, 2019. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/>. Acesso em: 15 ago 2024.

YAMASAKI, S. (ed.). **Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura: Salvador Dalí**. v. 13. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007.